

**REVISTA ESPERANÇA GARCIA**

ISBN: 978-65-00-82363-9.

revista.esperanca.garcia@pcs.uespi.br

A Decolonialidade em foco: um panorama a partir da Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia das instituições públicas brasileiras de ensino superior (2016 - 2022)

DECOLONIALITY IN FOCUS: AN OVERVIEW FROM THE STRICTO SENSU GRADUATE PROGRAM IN PSYCHOLOGY OF BRAZILIAN PUBLIC HIGHER EDUCATION INSTITUTIONS (2016 - 2022)

Patrícia Rocha Lustosa¹
João Vitor Alves Cavalcante²

RESUMO

A decolonialidade é um campo de investigação e produção de saberes nascida nas últimas décadas do século XX, objetivando questionar a divisão entre Norte e Sul Global, nos modos de organização de vida e de leitura predominantes na sociedade ocidental. Nesse sentido, o campo decolonial busca resgatar os saberes, práticas e conhecimentos daqueles povos do Sul historicamente apagados e silenciados pelos processos de colonização, ocorrido nos séculos passados, impondo um modo de vida predominantemente eurocêntrico, supostamente neutro e opressor. Assim sendo, o presente artigo objetiva compreender a inserção das referências decoloniais, combinadas com o pensamento de Frantz Fanon, nas produções dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia, nas instituições de ensino superior públicas, compreendendo o período de 2016 a 2022. A partir do uso de descritores, foram realizadas buscas nos repositórios das universidades públicas federais, estaduais e de integração, atentando para o critério de tempo, o formato da produção (tese ou dissertação) e a origem a partir de programa de Pós-Graduação em Psicologia. Com isso, foram encontradas 67 teses na temática decolonial em Psicologia, das quais foram escolhidas quatro produções, originárias de um programa de pós-graduação de cada região, a fim de ilustrar o atual estado da arte da decolonialidade em Psicologia, a partir dos critérios adotados na presente pesquisa. Posto isso, foi possível perceber que existem significativos estudos de matriz decolonial no campo da Psicologia no Brasil, em especial nas produções escolhidas para análise, com as temáticas de identidade, subjetividade, cuidado em saúde e saúde mental. Contudo, estas investigações são recentes, iniciadas nos últimos três a quatro anos, e ainda se apresentam de forma esparsa e mínima, frente às demais produções acadêmicas dos programas de pós-graduação em Psicologia no período analisado. Assim sendo, fazem-se necessárias não somente maiores investigações na área, a partir da matriz decolonial, mas

¹ Doutora em Sociologia, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), patriciarocha@ccs.uespi.br.

² Graduado em Psicologia, Universidade Estadual do Piauí (UESPI), jvcavalcante38@gmail.com.

também ampliar a inserção desta epistemologia nos currículos, extensões e atividades práticas dos cursos de graduação e pós-graduação em Psicologia, combinado com o incentivo de mais estudos e intervenções no âmbito da pós-graduação nas diversas áreas na Psicologia, que podem vir a se beneficiarem da epistemologia decolonial.

Palavras-chave: Psicologia; Pós-Graduação; Epistemologia; Decolonialidade;

ABSTRACT

Decoloniality is a field of investigation and production of knowledge born in the last decades of the twentieth century, aiming to question the division between the Global North and the Global South, in the modes of organization of life and reading predominant in Western society. In this sense, the decolonial field seeks to rescue the knowledge, practices and knowledge of those peoples of the South historically erased and silenced by the processes of colonization, which occurred in past centuries, imposing a predominantly Eurocentric, supposedly neutral and oppressive way of life. Therefore, this article aims to understand the insertion of decolonial references, combined with Frantz Fanon's thought, in the productions of Graduate Programs in Psychology, in public higher education institutions, covering the period from 2016 to 2022. Based on the use of descriptors, searches were carried out in the repositories of federal, state and integration public universities, paying attention to the criterion of time, the format of the production (thesis or dissertation) and the origin from the Graduate Program in Psychology. Thus, 67 theses were found on the decolonial theme in Psychology, from which four productions were chosen, originating from a graduate program in each region, in order to illustrate the current state of the art of decoloniality in Psychology, based on the criteria adopted in the present research. That said, it was possible to perceive that there are significant studies of decolonial matrix in the field of Psychology in Brazil, especially in the productions chosen for analysis, with the themes of identity, subjectivity, health care and mental health. However, these investigations are recent, initiated in the last three to four years, and are still sparse and minimal, compared to the other academic productions of graduate programs in Psychology in the period analyzed. Therefore, it is necessary not only to carry out further research in the area, based on the decolonial matrix, but also to expand the insertion of this epistemology in the curricula, extensions and practical activities of undergraduate and graduate courses in Psychology, combined with the encouragement of more studies and interventions in the scope of graduate studies in the various areas of Psychology, which may benefit from decolonial epistemology.

Keywords: Psychology; Postgraduate studies; Epistemology; Decoloniality.

1. INTRODUÇÃO

A colonização ocorrida no século XIX, em especial nos países da África e Ásia, remonta ao período de nacionalismo dos países europeus. Essa questão histórica se expressou frente a ascensão dos partidos socialistas e como resposta diante das organizações das lutas da classe trabalhadora, constituindo também numa justificativa para a expansão agressiva dos



respectivos países. Essa expansão, além dos conflitos com demais países europeus, ocorreu principalmente pelo projeto colonialista daquele século, marcado pela acumulação de riquezas, combinado com o racismo, a xenofobia, a dominação e o desprezo das culturas originárias dos países colonizados (Hobsbawn, 2015).

Dessa forma, criou-se um tenso cenário, em que as colônias e suas elites administrativas foram cooptadas para atender aos interesses europeus, contudo, sem se definirem enquanto pertencentes ao projeto de Estado-nação europeu em construção naquele momento, ao passo que tal processo não ocorreu de forma passiva, em que houve uma profunda recusa de tais mecanismos de assimilação por parte dos colonizados, desde os mais sutis até os confrontos abertos (Hobsbawn, 2015).

Entretanto, foi no século XX que tais colônias iniciaram seus movimentos de libertação. Com as condições impostas pela colonização, houve um solapamento das questões sociais, econômicas e políticas das colônias, tornando inviável a continuação desse modo de produção. Esse movimento, também cunhado de descolonização, torna-se expressivo a partir da segunda metade do século XX, com o reconhecimento das nações do chamado “Terceiro Mundo”. Entretanto, tais movimentos além de sua heterogeneidade, a exemplo de movimentos socialistas aliados à União Soviética na África, foram marcados por violentos confrontos e ações de guerrilha, a exemplo da Argélia na década de 50, das colônias portuguesas nas décadas de 60 e 70, assim como intervenções militares do imperialismo norte-americano na América Latina, nos tensos anos da década de 60 (Hobsbawn, 2003; Hobsbawn, 2015).

É nesse contexto que se insere a decolonialidade. Reis e Andrade (2018) ressaltam a importância da contextualização e definição histórica do neocolonialismo, principalmente para situar as contribuições do pensamento decolonial. Este, por sua vez, consiste na problematização da epistemologia remanescente do período colonial. Essa problematização, articulando cultura, teoria e política, deve ter como horizonte a emancipação e a erradicação de todas as opressões. Ao problematizar as epistemologias herdadas, busca-se destacar e ressaltar os conhecimentos dos subalternos, que foram omitidos nesse percurso (Carbonieri, 2016; Reis; Andrade, 2018).

Dessa maneira, a decolonialidade seria uma forma de movimento inovador, aliando teoria e prática, constituído “de um emaranhado de olhares e vozes que se debruçaram



insistentemente sobre a temática da interferência política, cultural e econômica resultante do neocolonialismo” (Reis; Andrade, 2018, p. 4). Assim sendo, consiste numa disputa contra a hegemonia colonizadora não apenas no campo epistemológico, mas também em uma série de âmbitos da realidade dos países outrora colonizados, como a política e a economia. Nessa contestação, resgata-se as experiências históricas e pensamentos dos povos originários, assim como da população em diáspora (Reis; Andrade, 2018).

Dessa forma, pensar epistemologias a partir de uma perspectiva decolonial implica, primeiramente, compreender como se deram as formações da hegemonia ocidental. Em especial as nações colonizadas, essas relações de dominação tiveram impacto tanto na economia, política e cultura, quanto na epistemologia dos povos colonizados. Dessa forma, a partir da situação de colonização, o que ocorre é uma hierarquização dos conhecimentos originários, elegendo uma única forma racional e científica - a forma ocidentalizada - como a verdadeira (Stadler; Krachenski, 2019).

Dentre os principais conceitos formulados pelo pensamento decolonial, destaca-se o de giro decolonial, que consiste na transgressão da racionalidade do pensamento moderno. Como já ressaltado, a decolonialidade não é um mero projeto de criação intelectual, mas uma tentativa de resgatar valores já existentes que foram constantemente negados pelo pensamento hegemônico em vários espaços da vida social, como a academia. Outro conceito relevante para a compreensão é o de transculturalidade sistêmica, em que o contato cultural entre colonizado e colonizador produziu uma zona de troca que afetou a ambos. Contudo, a cultura imposta pelo segundo produziu impactos mais significativos no âmbito do pensamento do colonizado, constituindo uma hierarquia e hegemonia entre ambos (Reis; Andrade, 2018).

Nessa perspectiva, o movimento decolonial não se restringe a uma implosão da hegemonia colonial, mas na compreensão das formações estabelecidas por esta, adjunto ao resgate das epistemologias locais, subalternas e reprimidas. Para alcançar esse objetivo, é importante se utilizar dos aparelhos de hegemonia (educação, política, entre outros) para propiciar voz aos grupos dominados, promovendo uma pluralidade na produção e socialização dos conhecimentos. Pode-se citar exemplos dessa atuação como na educação indígena, em que há o resgate de visões de mundo contra-hegemônicas, no campo da educação popular e na

A decolonialidade em foco [...]**Lustosa; Cavalcante, 2024**

psicologia, com o estudo das atitudes, subjetividade e cultura (Maldonado-Torres, 2017; Albuquerque, 2020).

Ademais, é preciso destacar brevemente as diferenças entre pós-colonialismo e decolonialidade. A chamada pós-colonialidade surge após a 2ª Guerra Mundial, no processo de descolonização de países asiáticos e africanos. Com a perspectiva de contestação da razão colonial sobre determinados países, a corrente pós-colonial de pensamento, sobretudo, deu-se a partir de autores asiáticos inseridos nos departamentos universitários de língua inglesa, determinando assim o seu espaço de circulação, além da pouca consideração sobre realidade da América Latina (Bernardino-Costa; Grosfoguel, 2016).

É nesse silêncio do pós-colonialismo sobre a América Latina que emerge uma rede de produção de conhecimentos, intitulada decolonialidade. Esta consistiria em bases tanto para a produção de conhecimentos locais, quanto a compreensão dos conhecimentos hegemônicos, à luz dos processos coloniais. Contudo, a decolonialidade não se traduz em uma forma de conhecimento acadêmico, mas procura ser teoria e prática em diferentes contextos. Ademais, a corrente decolonial compreende que a modernidade existente só se constituiu a partir do processo de colonização (Bernardino-Costa; Grosfoguel, 2016).

Apesar das suas particularidades, ambas as correntes tiveram papel relevante no campo da historiografia e dos discursos, ao deslocarem a hegemonia europeia que predominava. O pós-colonialismo lançou as primeiras bases para uma crítica à produção de conhecimentos, no sentido de explicitar a questão da dualidade entre Ocidente e Oriente na construção das narrativas. Dessa forma, não se tratava apenas de elaborar uma nova forma de conhecimento, mas de interditar o pensamento ocidental na sua neutralização e marginalização do Outro. Posteriormente, os processos de descolonização e a corrente decolonial retomam esse debate, colocando esse Outro na produção de conhecimento a partir de uma perspectiva ativa e crítica (Bhabra, 2014).

Dentre as principais referências utilizadas na decolonialidade, tanto no cenário internacional, quanto no contexto nacional, sublinha-se Frantz Fanon. O autor, originário da Martinica, colônia francesa que é atualmente um departamento de ultramar, conviveu desde muito cedo com a realidade colonial da ilha, a exemplo do desprezo da língua Patuá das classes subalternas e a exaltação dos valores coloniais franceses (Faustino, 2015).



Durante a Segunda Guerra, com a tomada da França e o escape dos colonizadores para a Martinica, as tensões se tornaram agudas, escancarando a percepção da metrópole a respeito da colônia e os problemas oriundos da relação colonizado - colonizador. Quando Fanon se torna soldado, contexto de percepção da segregação nas relações entre os soldados oriundos da França e os oriundos das colônias, é que geram o incômodo e a inquietação necessária para as suas investigações posteriores (Faustino, 2015).

Aliado à sua formação em Psiquiatria, Fanon esteve em permanente contato com Aimé Cesaire, militante negro marxista que concorreu à prefeitura de Fort-de-France, capital da Martinica. Ademais, com a leitura de autores como Marx, Hegel, Lenin, Lacan, Freud, Sartre, Merleau-Ponty, o autor construiu uma perspectiva crítica, contrapondo-se ao modelo biológico da formação psiquiátrica da época. Contudo, essas influências também foram decisivas na produção teórica do autor, marcos do chamado “pensamento fanoniano” (Faustino, 2015; Robcis, 2020; Faustino, 2021).

É na trajetória psiquiátrica que se pode compreender as duas perspectivas do pensamento de Fanon: 1) a questão política e a questão psíquica estão intimamente ligadas e 2) o desenvolvimento psíquico do colonizado, a partir do contexto social de segregação e cerceamento, determinam as expressões psíquicas deste. Ademais, é importante sublinhar que Fanon, em seu trabalho como psiquiatra, não adaptou um modelo pronto, mas que buscou compreender profundamente os contextos socioculturais dos locais em que atuou e, a partir destes, postulou uma real desalienação dos sujeitos colonizados e a construção de uma psiquiatria “desalienante” (Robcis, 2020).

Com isso, observa-se o espraiamento do pensamento fanoniano nas produções teóricas decoloniais. Dentre a literatura especializada que se aprofunda nas contribuições do autor para a decolonialidade, pode-se observar os destaques de Agathangelou (2016), ao utilizar o conceito de corpo, relacionado aos de raça, violência, revolução e sociogênese, fundamentados na obra *Os condenados da terra*. Nesta incursão, a autora concebe o pensamento de Fanon em três momentos dialéticos importantes: a situação colonial de opressão que produz a desumanização; a revolução enquanto uma derrubada da colonização e dos valores coloniais; o momento pós-colonial, a construção e a reconstrução.

Já Stadler e Krachenski (2019) ressaltam, a partir das teorizações de Fanon, os conceitos de *mundo colonial* e de *mundo colonizado*. Enquanto aquele consiste numa organização de



respeito à ordem, segregação espacial e correntes de pensamento que legitimam a barbárie cometida contra os colonizados, para este a violência é uma constante cometida pela mão de policiais e soldados, além da organização geográfica caótica e da expressão da pobreza.

Em complemento, Maldonado-Torres (2016) utiliza a obra *Pele Negra, Máscaras Brancas*, situando-a como um projeto decolonial, à medida que compreende a modernidade e suas ciências humanas a partir do local do não ser, nesse caso, o sujeito negro, e se propõe como um método na contramão do pensamento moderno. Ademais, compreende-se que a questão do negro é sistematicamente rejeitada pelo pensamento moderno, tornando este problema como o chamado “calcanhar de Aquiles”.

Nessa lógica, a questão negra expressa os limites e a insuficiência do pensamento ocidental, ao mesmo tempo que estrutura todo o sistema do mesmo pensamento. Dessa maneira, o texto consiste numa crítica à modernidade à medida que “no sentido da identificação de dimensões constitutivas da Modernidade e de seus limites junto a uma consideração das atitudes que permitem sua continuação.” (Maldonado-Torres, 2016, p. 92).

Diante de tais considerações, o presente artigo objetiva compreender as influências do pensamento decolonial na área da Psicologia, a partir das produções dos programas de pós-graduação *stricto sensu* (Mestrado e Doutorado) das universidades públicas do Brasil. Articulando as discussões da corrente decolonial e do pensamento fanoniano, tal produção é fruto da pesquisa “A decolonialidade, Fanon e o panorama *stricto sensu* da Psicologia Brasileira: uma análise sistemática (2016 – 2021)”, desenvolvido pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Estadual do Piauí, modalidade voluntária, durante os anos de 2021 e 2022. Tal projeto foi aprovado conforme as exigências do Edital PROP/UESPI Nº 002/2021, sem a exigência de ser avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da referida universidade, visto sua natureza de pesquisa bibliográfica.

Para tanto, utilizou-se como referência duas principais obras de Frantz Fanon. Estas exploraram as contribuições teóricas e conceituais, buscando elucidar as construções do autor. Já no campo da decolonialidade, lançou-se mão dos autores consagrados e publicações recentes construídas a partir do referencial decolonial, buscando explicitar as articulações do pensamento fanoniano e as possíveis áreas de aplicação da decolonialidade. A partir desses norteadores, foi possível explorar as produções teóricas em pós-graduação

em Psicologia nos programas das universidades públicas, identificando tais referenciais e como vem ocorrendo o debate no campo da Psicologia.

2. METODOLOGIA

Para a presente investigação, foram utilizados métodos qualitativos de pesquisa, na modalidade exploratória e no formato de pesquisa bibliográfica. A pesquisa exploratória, segundo Gil (2017, p. 41) consiste em “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses.” Já o cunho bibliográfico busca analisar as produções teóricas realizadas em torno do tema, objetivando situar o pesquisador diante da variedade de fontes. Nesse sentido, o cunho bibliográfico abrange “[...] desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, artigos científicos impressos ou eletrônicos, material cartográfico e até meios de comunicação oral [...]” (Lakatos; Marconi, 2017, p. 200).

Dentre as atividades de revisão e exploração da literatura, iniciou-se pela leitura dos dois livros de referência de Frantz Fanon: *Pele Negra, Máscaras Brancas* (Fanon, 2020) e *Os condenados da terra* (Fanon, 1961). A referência antiga desta obra se deu por ser a mais utilizada no contexto do Brasil, devido à ausência de um lançamento brasileiro até o momento do desenvolvimento da pesquisa. Contudo, nas etapas finais desta, uma edição do livro mencionado foi lançada por uma editora brasileira (Fanon, 2022), a qual se optou por incluir nas contribuições teóricas da redação do presente artigo.

Concomitante a esta etapa, foram pesquisados os materiais de referência sobre a decolonialidade. Neste momento, dividiu-se a procura em duas vertentes: a primeira, que buscava artigos em bases de dados como *Google Scholar*, *SciELO*, *SAGE Journals* e *Project MUSE*, sendo observado os critérios de tempo dos últimos 5 anos e a utilização dos descritores “Fanon”, “raça”, “gênero”, “decolonial”, “decolonialidade” e “psicologia”; e a segunda, que buscava livros dos autores de referência em decolonialidade, coletâneas e coleções, que se deu a partir dos referenciais encontrados nas leituras dos artigos da primeira vertente. Ademais, a busca da segunda vertente ocorreu também por meio do acesso aos sites de entidades, grupos de estudos e coletivos especializados na promoção de debates e



materiais sobre a decolonialidade, a exemplo do Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO).

A posteriori da revisão e da construção do referencial teórico acerca da decolonialidade e das construções teóricas de Fanon, foram iniciadas as buscas pelos Programas de Pós-Graduação em Psicologia pelo país, atentando para as áreas de concentração, linhas de pesquisa e os repositórios das respectivas instituições. Para alcançar tais objetivos, primeiramente, foi realizado o levantamento das principais universidades públicas (Federais, Estaduais e de Integração) por região do Brasil. A partir destas informações obtidas sobre as instituições de ensino superior, construiu-se uma tabela no *Google Docs*, de acesso dos autores, especificando:

- Região (Norte, Nordeste, Sudeste, Sul ou Centro-Oeste);
- Estado da(s) instituição(ões);
- Nome da instituição de ensino superior;
- A existência ou não de programa de pós-graduação em Psicologia, contendo o nome do programa e os níveis presentes de Mestrado e/ou Doutorado;

Como critérios de exclusão, foram desconsiderados os Institutos Federais do escopo da busca, visto que estes se voltam para a Educação Profissional e Tecnológica e apresentam, no ensino superior, cursos de Licenciatura, Bacharelado e Pós-Graduação que não abarcam a área da Psicologia. Ainda, não foram incluídas as faculdades particulares dentro das diferentes regiões, considerando que a maioria não apresenta programas de pós-graduação em seu quadro. No tocante às publicações encontradas, não foram consideradas aquelas fora do campo da pós-graduação *stricto sensu* (e.g. graduação e especialização) e trabalhos fora do critério de tempo determinado.

A partir destes dados, seguiu-se para a busca nos repositórios das instituições. Foram utilizados os mesmos descritores da fase de levantamento da literatura (Fanon, raça, gênero, decolonial, decolonialidade e psicologia) e os critérios de tempo de publicação (últimos 5 anos) e de origem a partir dos níveis da pós-graduação (Mestrado ou Doutorado). Como a busca se deu nos repositórios gerais das universidades, em que estão concentradas todas as produções das mais diversas áreas, utilizou-se também o critério de origem do documento vinculado a algum programa de pós-graduação em Psicologia. Em alguns momentos, optou-se também por acessar diretamente os sites dos Programas de Pós-Graduação na área,



buscando as abas que continham as produções do referido programa, devido a uma grande quantidade de produções nos repositórios, de diferentes níveis e áreas de origem.

Diante dos documentos encontrados, realizou-se as seguintes etapas: a leitura do resumo; a leitura das palavras-chave utilizadas na produção; a conferência das principais referências contidas ao fim da dissertação ou tese; a busca pela origem da dissertação e/ou tese (Programa de Pós-Graduação em Psicologia); e por fim, o ano de defesa do documento. Com isso, selecionou-se as produções que atendiam aos critérios mencionados, registrando na tabela supracitada, com o acréscimo de um campo para os materiais encontrados, contendo o título da produção e o link para o repositório.

Ao fim de tal etapa, objetivava-se selecionar cinco produções, uma de cada região do Brasil, a fim de ilustrar o atual estado da arte da decolonialidade em Psicologia. Contudo, diante dos resultados obtidos e das produções selecionadas nos repositórios, foram discutidas e selecionadas apenas quatro produções, visto as particularidades expostas no tópico seguinte.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio da leitura das duas obras de referência, pode-se aprofundar no pensamento de Frantz Fanon. Em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, a princípio, é situada a emergência histórica do livro, que consistia na primeira tese de doutoramento de Frantz Fanon em Psiquiatria, a qual foi rejeitada, devido ao contexto conservador da Psiquiatria Francesa naquele momento. Posteriormente, com outro título, a obra foi publicada na década de 1950, sem receber uma grande repercussão nos anos subsequentes a sua publicação (Faustino, 2015; Fanon, 2020; Faustino, 2021).

No livro, Fanon (2020) discorre sobre uma série de assuntos, tendo como fio condutor a questão da pessoa negra e da colonização. Fundamentado em uma crítica à psicanálise e lançando mão de diversos recursos existentes à época, como livros, romances, artigos, observações e aspectos culturais, os capítulos do livro giram em torno de uma série de conceitos que perpassam a vivência dos sujeitos negros e os impactos da colonização nas variadas esferas sociais, a exemplo da linguagem, das relações interraciais, da literatura, da psicopatologia, da subjetividade, da colonização, da política, dentre outros. Dessa maneira,



A decolonialidade em foco [...]**Lustosa; Cavalcante, 2024**

pode-se entender, a partir dos artigos e livros referências em decolonialidade, o motivo da obra ser a mais utilizada neste campo, em especial naquelas investigações que abordam as questões raciais e as diferentes consequências do projeto colonial.

Quanto à obra *Os condenados da terra*, esta segue o mesmo caráter político e crítico do autor, contudo, apresentando contribuições mais contundentes e robustas, dado o cenário de produção do livro. Publicada na década de 1960, sendo a última obra de Fanon antes da sua morte, consiste numa série de sínteses, elaborações e críticas oriundas da experiência da Guerra da Argélia, a qual o autor esteve em contato direto, enquanto psiquiatra, com as vítimas dos conflitos ocorridos na então colônia francesa (Fanon, 1961; Faustino, 2015; Faustino, 2021; Fanon, 2022).

Neste livro, Fanon discorre sobre densos conceitos políticos, que possuem como eixo principal a libertação e descolonização das populações subjugadas, dentre eles: a violência como forma de reação do colonizado; a importância das populações camponesas e seus movimentos para a frente de libertação; e a descolonização do colonizado, nos níveis social, político, cultural e subjetivo (Fanon, 1961; Fanon, 2022). Posto isso, a obra possui importante valor para os movimentos sociais, em especial aqueles emergidos na atualidade que abordam as questões raciais, assim como aqueles que fazem importantes articulações entre luta e resistência, tendo a decolonialidade como referencial (Walsh, 2019).

A definição do autor pertencente a determinadas correntes de pensamento - como o pensamento decolonial - é alvo de polêmicas. Ainda que não seja o propósito do presente trabalho realizar esse percurso, é importante destacar que, ainda em vida, Fanon teceu ácidas críticas ao culturalismo e aos chamados “movimentos pré-coloniais”, além de ter construído seu arcabouço a partir da psicanálise, da fenomenologia e do marxismo para a compreensão das realidades colonizadas (Faustino, 2021; Carvalho, 2021; Manoel, 2021).

Contudo, há um debate em torno da colocação do pensamento fanoniano em torno de três eixos: anticolonialismo, pós-colonialismo e decolonialidade. O que ocorre, de fato, é a fragmentação do pensamento do autor, retirando fragmentos que serviriam de justificativa para a sustentação de cada uma das correntes, ora apresentado como uma base epistemológica, ora entendido como uma desfiguração do pensamento do autor (Faustino, 2021; Carvalho, 2021; Manoel, 2021).

A decolonialidade em foco [...]**Lustosa; Cavalcante, 2024**

Em paralelo às obras de Fanon, por meio do aprofundamento no campo da decolonialidade, foi possível perceber o surgimento histórico e conceitual desta área. Os estudos decoloniais nascem a partir dos estudos pós-coloniais, na década de 80, como forma de compreensão e conceitualização da epistemologia desta área no âmbito da América Latina. A princípio entendido como extensão dos conceitos da área pós-colonial, em especial da subalternidade, o campo, posteriormente, rompe com a área na década de 90, por entender que existe uma série de particularidades referentes ao processo de colonização da América Latina e sua condição subalterna, que exigiam epistemologias, conceitos e categorias sob uma outra ótica (Mignolo, 2017; Castro, 2018; Spyer; Leroy; Name, 2019).

Tendo como principais autores Walter Mignolo, Anibal Quijano, Edgardo Lander, Boaventura de Sousa Santos, Enrique Dussel, Nelson Maldonado-Torres, Ramón Grosfoguel e outros, a decolonialidade se propõe a entender as diferenças ontológicas e epistemológicas decorrentes das relações herdadas da colonização europeia, principalmente na relação para com o Outro, no apagamento e silenciamento dos saberes locais, nas relações entre as ditas “metrópoles” como centro e o sul global, dentre outros aspectos. Tendo essas noções como eixo central, para uma devida compreensão de colonialidade e decolonialidade, lança-se mão de uma série de conceitos nos estudos na área, como: as possibilidades epistêmicas; herança colonial; território e desterritorialização de grupos sociais; giro decolonial; colonialidade do poder; diferença colonial, dentre outros (Ballestrin, 2013; Peixoto; Figueiredo, 2018; Spyer; Leroy; Name, 2019).

É na articulação destas duas matrizes epistemológicas, ora em diálogo, ora em desacordo, que se deu a compreensão do estado da arte da decolonialidade no Brasil, em especial nos programas de pós-graduação em Psicologia. Inicialmente, na tabela a seguir (Tabela 1), apresenta-se uma ilustração do atual cenário dos programas em Psicologia, distribuídos nas regiões do Brasil.

Tabela 1 - Programas de Pós-Graduação em Psicologia em instituições de ensino superior públicas das cinco regiões do Brasil

Região	Quantidade de programas de Pós-Graduação em Psicologia na Região	Estados das Instituições de Ensino Superior com Programas de Pós-Graduação em Psicologia e a distribuição destes por Estado	Instituições de Ensino Superior com Programas de Pós-Graduação em Psicologia
			Universidade Federal da Bahia



A decolonialidade em foco [...]

Lustosa; Cavalcante, 2024

Nordeste	15	Bahia (2) Alagoas (1) Ceará (1) Rio Grande do Norte (1) Paraíba (2) Maranhão (1) Piauí (1) Pernambuco (4) Sergipe (2)	(UFBA), Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Estadual da Paraíba, Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPar), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Universidade de Pernambuco (UPE) e Universidade Federal de Sergipe (UFS)
Norte	5	Pará (3) Amazonas (1) Rondônia (1)	Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e Universidade Federal de Rondônia (UNIR)
Centro-Oeste	8	Goiás (1) Distrito Federal (4) Mato Grosso (1) Mato Grosso do Sul (2)	Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)
Sul	9	Paraná (3) Santa Catarina (1) Rio Grande do Sul (5)	Universidade Estadual de Londrina (UEL), Universidade Estadual de Maringá (UEM), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFSCPA), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
			Universidade Federal do



A decolonialidade em foco [...]

Lustosa; Cavalcante, 2024

Sudeste	19	Espírito Santo (2) São Paulo (7) Rio de Janeiro (6) Minas Gerais (4)	Espírito Santo (UFES), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ), Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), Universidade de São Paulo (USP), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF) e Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)
Total			56

Fonte: Autores (2023).

Diante do exposto, é notória uma ampla existência de programas em Psicologia, considerando que a área e a profissão tenham menos de um século de existência no Brasil. A maior parte está concentrada na região Sudeste, com 19 programas em 12 instituições, majoritariamente federais e com destaque para duas instituições estaduais. Pode-se depreender que tal concentração ocorre devido a região ter sido a primeira a implementar os cursos de Psicologia e os primeiros programas de pós-graduação, a partir da regulamentação da profissão na década de 1960 e no seu processo de autonomia frente aos demais campos do saber em que era utilizada, ainda que marcadamente pautada por um viés clínico, biomédico e estigmatizante (Silva; Silva, 2020).

Em seguida, está a região Nordeste, com 15 programas em 11 instituições. Mesmo sendo uma área em que a Psicologia chegou em tempos mais recentes, é expressiva a implementação e a expansão dos cursos de Psicologia nas instituições públicas, muito devido ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). Este foi crucial na reorganização e a expansão das instituições, com destaque para o processo de interiorização, por intermédio de novas legislações, novos quadros de carreira e



aumento do número de profissionais, criação de novos cursos, permanência estudantil, entre outros aspectos (Favato; Ruiz, 2018).

Em conseqüente, apresenta-se a região Sul, com 9 programas em 8 instituições, cenário similar à da região sudeste com a predominância de instituições federais e com o realce de duas estaduais. Por fim, estão as regiões Centro-Oeste e Norte com a menor quantidade de programas, majoritariamente em instituições federais de ensino. Nesse panorama, a primeira apresenta 8 programas em 5 instituições, enquanto a segunda está concentrada em cinco programas em apenas três instituições.

De maneira geral, existe, nos repositórios das instituições de ensino superior públicas, uma diversidade de estudos em Psicologia, com múltiplas subáreas e interfaces com outros campos, abordando temas como saúde, subjetividade, saúde mental, cognição, psicossociologia, psicologia social, dentre outros. Contudo, tal cenário apresenta particularidades, em que a maioria dos programas e das produções teóricas atuais em Psicologia estão concentradas nas universidades federais, polos em que foram encontradas a maioria das produções com o referencial em decolonialidade.

Em contrapartida, ainda se apresenta uma conjuntura de poucos programas em Psicologia no âmbito das universidades estaduais e de integração. Nas instituições públicas estaduais que possuíam alguma pós-graduação na área, o contexto encontrado foi de, usualmente, um programa a nível de mestrado, com trabalhos predominantemente nas áreas de educação e saúde, com baixas ou inexistentes produções acerca da interface entre Psicologia e Decolonialidade.

Já no tocante aos estudos com epistemologias decoloniais e que, em suas articulações, utilizaram-se de Frantz Fanon como referência para os aportes teóricos, como proposto pelo presente artigo, a tabela a seguir (Tabela 2) explicita os resultados encontrados nos repositórios dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia, dentro dos critérios estabelecidos. Além disso, destaca-se as quatro principais teses dentre os materiais achados e as discussões realizadas pelas(os) respectivas(os) autoras(es).

No primeiro momento, é expressiva a ausência de produções oriundas da região Norte. A partir dos levantamentos e dos resultados encontrados, observa-se que os programas das instituições da região ainda se concentram nas tradicionais discussões em Psicologia, isto é,



A decolonialidade em foco [...]**Lustosa; Cavalcante, 2024**

em temas da Psicologia dominante, com referenciais importados dos países centrais e aplicados sem reflexões críticas. Com isso, é algo que implica uma reflexão não somente das instituições públicas de ensino superior e seus respectivos programas, mas de toda a esfera de formação de profissionais de Psicologia, com vistas a pensar sobre qual Psicologia está sendo discutida na região, quais os referenciais utilizados e se, em seu movimento, acaba por “expressa, justifica e naturaliza o indivíduo e individualismo capitalistas” (Costa; Mendes, 2021, p. 5).

Tabela 2 - Teses e Dissertações com o referencial decolonial encontradas nos Programas de Pós-Graduação em Psicologia

Região	Quantidade de teses e dissertações no tema	Produção de destaque
Nordeste	25	Socioeducação: uma invenção (de)colonial (Gomes, 2020)
Norte	0	-
Centro-Oeste	6	Psicologia em movimento com os/as Kaiowá e Guarani: diálogos fronteiriços e desobedientes (Faria, 2021)
Sul	13	A noção de experiência no contexto da Gestão Autônoma da Medicação no Brasil: uma travessia rumo ao pensamento decolonial (Zanchet, 2019)
Sudeste	23	A palavra tem força: uma psicologia do axé e dos encantamentos (Silva, 2021)
Total	67	

Fonte: Autores (2023).



A decolonialidade em foco [...]**Lustosa; Cavalcante, 2024**

Em consequente, foi possível realizar a leitura e a análise dos materiais eleitos. Iniciando na Região Nordeste, o trabalho de Gomes (2020) busca repensar o conceito de socioeducação, no contexto político, jurídico e socioassistencial. Partindo dos resultados do trabalho de mestrado desenvolvido por esta, o trabalho busca investigar as questões de classe, raça e gênero nos adolescentes atendidos pelo sistema de socioeducação, além de compreender o constrangimento cultural, termo criado pela autora, que estes jovens relatavam em seus discursos. Este constrangimento se daria por meio do isolamento para com o restante da sociedade, a mutilação das subjetividades dos jovens institucionalizados, da legitimação do discurso jurídico e da perda dos potenciais de responsabilidade, contrariando os princípios da socioeducação e em especial, da atuação da Psicologia numa perspectiva crítica e multidisciplinar.

Em sua investigação, a autora lança mão da Teoria Histórico-Cultural de Vigotski, dos estudos decoloniais e das contribuições de Frantz Fanon. A partir destes, critica as noções originárias de justiça, educação, correção e juventude, em especial a nível da realidade brasileira, marcada pela colonização, epistemicídio, racismo e outras problemáticas. Além disso, com base nos estudos decoloniais, a investigação percorre as origens europeias e estadunidenses da Psicologia, considerando também o marco da colonização do conhecimento na Psicologia Brasileira. Dessa maneira, esse corpus crítico busca compreender como se dá o processo socioeducativo de jovens e adolescentes, que originam e causam o constrangimento anteriormente mencionado, apontando como tais áreas, aparentemente comprometidas e assépticas, lançam mão de mecanismos de intervenção, naturalização e apassivamento dos sujeitos (Gomes, 2020).

Já na Região Centro-Oeste, a incursão de Faria (2020) investiga as formas de exclusão e de resistência em torno dos povos indígenas Kaiowá e Guarani, no estado do Mato Grosso do Sul. Com aportes dos estudos decoloniais, da Psicologia da Libertação de Martín-Baró e dos aspectos da colonização de Frantz Fanon, o autor discorre sobre o cenário histórico de colonização e extermínio dos povos indígenas, a figura do agronegócio enquanto definidora de limites e fronteiras, a marginalização dos referidos povos e as formas de contra-hegemonia que os indígenas construíram, como “experiências de resistência e luta, os conhecimentos cosmológicos, e as relações de solidariedade comunitária e com a natureza nos fazem ter esperança em outros horizontes que não o da destruição, mas sim do teko porã, entendido aproximado na cosmologia Kaiowá e Guarani ao bem viver” (Faria, 2020, p. 40).



A decolonialidade em foco [...]**Lustosa; Cavalcante, 2024**

Nesse sentido, o autor, em seu estudo, busca desmitificar as visões racistas e eugenistas em torno dos indígenas brasileiros, combinando a construção de novos conhecimentos, visões e perspectivas a partir da dimensão educativa dos povos Kaiowá e Guarani. Assim sendo, o estudo parte de uma construção conjunta, contrária a suposta neutralidade da ciência e da Psicologia, apontando para um compromisso ético, político e social e a implicação do pesquisador na construção de uma nova coletividade, contrária a dominação colonial, racista e europeia, fundamentada nestes sujeitos apagados pelo paradigma da modernização. Ao mesmo tempo, essa construção conjunta busca implicar a psicologia na compreensão e mudança para com os povos indígenas, questionando a centralidade do sujeito asséptico, colonizado e branco nas principais correntes teóricas (Faria, 2020).

O terceiro trabalho, oriundo da Região Sul e de autoria de Zanchet (2019), busca compreender a dinâmica das relações dos usuários dos dispositivos da saúde mental numa perspectiva decolonial, a partir da Gestão Autônoma da Medicação (GAM). Essa ferramenta se apresenta de forma relevante na atenção à saúde mental, já que possui “cogestão um de seus princípios fundamentais; ou seja, a qual tem como condição de existência a partilha e a composição coletiva entre usuários, trabalhadores e pesquisadores” (Zanchet, 2019, p. 11-12).

Nesse sentido, os aportes decoloniais que a autora resgata se fazem pertinentes, de modo a o compreender as especificidades do uso das medicações no cotidiano dos usuários, por meio da ferramenta mencionada, já que um dos pressupostos básicos é a autonomia do usuário, numa perspectiva coletiva entre sujeitos, profissionais e coletividade, contrária ao senso comum individualizante do termo. Nessa ótica, entende-se aí a atuação não somente da psiquiatria, por meio da presença da medicação, mas a implicação das outras áreas, como a Psicologia, nessa responsabilidade coletiva (Zanchet, 2019).

Tomando como central o conceito da experiência, abrangendo os usuários, profissionais e demais atores envolvidos, a autora ressalta a ausência dos referenciais decoloniais em Psicologia, em especial nas questões étnico-raciais em saúde mental, apesar da área ser uma das poucas a apresentar diretrizes raciais para as questões de saúde mental. Entendendo que pretos e pardos compõem uma grande parcela da população brasileira, são, em sua maioria, atendidos pelos dispositivos de saúde pública e saúde mental e se encontram atravessados pelas marcas do racismo estrutural, da estigmatização, da marginalização e da violência, a



A decolonialidade em foco [...]**Lustosa; Cavalcante, 2024**

decolonialidade dos conhecimentos, da prática e do cuidado se fazem de extrema importância para o profissional da Psicologia (Zanchet, 2019).

Por fim, na Região Sudeste, o trabalho de Silva (2021) problematiza a subjetividade colonizada, que se constitui na formação dos sujeitos em uma sociedade a partir dos referenciais impostos pela colonização, com modelos europeus, brancos e racistas, e a partir do apagamento dos saberes de origem africana, indígena e situados na realidade do Sul. Essa formação de subjetividade se estenderia para a formação profissional das diversas áreas do saber, de modo a impor o modo colonial e dominado nas instituições educacionais, dispondo ferramentas de controle para lidar com as questões do campo profissional, em especial na área da Psicologia Escolar.

Nessa perspectiva, a decolonialidade se faz novamente de fundamental presença, em destaque para a atuação dos profissionais no âmbito educacional, já que “algo desta luta colonial permanece, não como um fato histórico pontual, um detalhe secundário, mas como parte importante das engrenagens que organizam nossa vida social, política e econômica” (Silva, 2021, p. 12). Colocando o ambiente escolar e educacional como reprodutor de um modo de vida colonizado, essencial às formas de produção e dominação capitalistas, e excluindo as formas de vida e de conhecimento dos povos originários, a autora resgata figuras dos orixás para o contexto educacional, além de lançar mão de referenciais decoloniais para pensar a problemática da educação de crianças e adolescentes brasileiras das escolas públicas.

Usando os conceitos de *asuwa* (vida comum) e *aisuwa* (vida alienada), do sociólogo nigeriano Akinsola Akiwowo, e da perspectiva religiosa da luta enquanto construção de um novo horizonte para os povos marginalizados, a autora realiza uma incursão, implicando a Psicologia, na desconstrução dos saberes epistemicidas, racistas e violentos que se fazem presente no campo da psicologia, implicando na construção de outras perspectivas em saúde, cuidado e atuação do psicólogo, a partir de novas cosmogonias e percepções dos povos dominados (Silva, 2021).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

REVISTA ESPERANÇA GARCIA, v1, n° 1, Picos-PI, Maio de 2024.

revista.esperanca.garcia@pcs.uespi.br.
ISBN: 978-65-00-82363-9.



A decolonialidade, área que não se restringe apenas à produção de novos conhecimentos, mas que se propõe a pensar a realidade a partir da perspectiva dos povos do Sul, tem encontrado ressonâncias na academia brasileira nas últimas décadas. Durante as buscas pelos materiais nos repositórios, foi possível constatar uma grande quantidade de produções nas mais diversas áreas e linhas, como a Educação, Sociologia e Estudos Culturais, em especial na última década até o presente momento.

Dessa maneira, os estudos em decolonialidade têm proporcionado a visibilidade dos povos originários, historicamente marginalizados dos ambientes acadêmicos, quando não tratados de forma exótica, fetichista e racista. Ainda, a perspectiva do giro decolonial propõe uma mudança da universidade para a pluriversidade, uma experiência existente nos países da América Latina, onde ocorre o rompimento do paradigma moderno, universalizante, para congregar e irradiar as matrizes africanas, latinoamericanas, indígenas e afins, no lócus da produção de novos conhecimentos (Dussel, 2005; Ballestrin, 2013; Missiato, 2020; Müller, 2021).

Quando essa vertente adentra na área da Psicologia, os estudos ainda são tímidos e esparsos, iniciados nos últimos 3 a 4 anos, mas que demonstram um potencial inovador, fazendo frente às tradicionais pesquisas e temáticas abordadas no campo psicológico. Entendendo a Psicologia como uma das ciências gestadas nos polos dominantes do conhecimento, em que, muitas vezes, importa conhecimento sem uma devida crítica ou consideração a realidade dos povos dominados, estes estudos em decolonialidade na Psicologia, além de denunciar este aspecto colonial e resgatar os potenciais dos conhecimentos dos povos dominados, apresentam a urgência do maior desenvolvimento de investigações nessa vertente, nas diferentes áreas e nas áreas em intersecção com o saber psi (Costa; Mendes, 2021). No tocante às produções encontradas, foi possível notar que estas abordam, predominantemente, estudos sobre identidade, formação de identidades, movimentos sociais e formas de resistência, com destaque para grupos minoritários como mulheres, negros, pessoas LGBTQIA+ e populações rurais.

Apesar de não entrarem no rol dos principais estudos selecionados para a presente investigação, podemos citar, de forma ilustrativa, as seguintes produções complementares encontradas no levantamento como demonstrativo da decolonialidade na Psicologia: a vivência de estudantes universitários negros e a construção de um *self* decolonial (Teixeira,

2020); a organização do espaço urbano e o impacto nas subjetividades de trabalhadores artesanais em Salvador (Silva, 2019); a elaboração de políticas públicas para mulheres negras no estado de Pernambuco, a partir da vivência de gestoras negras em Políticas Públicas (Araújo, 2020); o papel da Psicologia na saúde e na Atenção Diferenciada à Saúde Indígena (Lopes, 2018); e por fim, a incursão epistemológica sobre o conceito de liberdade na obra de Frantz Fanon e as contribuições para a Psicologia (Gabriel, 2019).

Partindo do pressuposto que a decolonialidade tem como objetivo colocar em foco as epistemologias dos povos silenciados pela colonização e pela modernidade europeia, pode-se elucidar, a partir do que foi explorado até o presente momento, que as produções têm proporcionado assuntos, visões e contribuições latentes sobre os novos movimentos sociais e seus atores, apresentando as devidas particularidades, vivências, concepções e realidades. Ademais, estas contribuições devem servir de subsídio para a atuação do profissional de Psicologia, para além dos modelos tradicionais em clínica, saúde e cuidado, aprofundando o contato com as particularidades da diversa população brasileira e encontrando as estratégias de cuidado e enfrentamento que construam com e a partir destes.

Desse modo, apesar do significativo avanço dos referenciais no campo, ainda se faz necessário avançar na inserção da perspectiva decolonial na área da Psicologia. Esta incursão pode ocorrer por meio da revisão dos currículos a nível de graduação e pós-graduação, por intermédio de referências, extensões e disciplinas.

Ademais, tal percurso no campo da Psicologia se faz imprescindível na prática profissional, por meio de capacitações, formações, intervenções, práticas coletivas e afins, buscando compreender os conhecimentos apropriados pelas(os) profissionais de Psicologia acerca de movimentos sociais, indígenas e minorias e como tem se articulado ou não com as possibilidades postas pela decolonialidade. Para mais, é necessário também pensar a construção do conhecimento e da prática em Psicologia numa perspectiva multidisciplinar, visto que a área ainda se encontra restrita a construtos próprios, apresentando poucos diálogos com áreas afins.

REFERÊNCIAS

REVISTA ESPERANÇA GARCIA, v1, n° 1, Picos-PI, Maio de 2024.

revista.esperanca.garcia@pcs.uespi.br.
ISBN: 978-65-00-82363-9.



A decolonialidade em foco [...]

Lustosa; Cavalcante, 2024

AGATHANGELOU, Anna M. Fanon on decolonization and revolution: Bodies and dialectics. **Globalizations**, v. 13, n. 1, p. 110-128, 2016.

ALBUQUERQUE, Carla Pontes de. Educação Popular e decolonialidade: resistências, reexistências e potências para um cuidado inclusivo na saúde e projetos coletivos para o “Bem viver”. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 25, 2020.

ARAÚJO, Raissa Barbosa. Mulheres-negras e políticas para mulheres: análises decoloniais sobre sujeitos políticos e políticas públicas municipais em Pernambuco. 2020. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista brasileira de ciência política**, p. 89-117, 2013.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 15-24, 2016.

BHAMBRA, Gurinder K. Postcolonial and decolonial dialogues. **Postcolonial studies**, v. 17, n. 2, p. 115-121, 2014.

CARBONIERI, Divanize. Pós-colonialidade e decolonialidade: rumos e trânsitos. **Revista Labirinto (UNIR)**, v. 24, n. 1, p. 280-300, 2016.

CARVALHO, João. Por um Fanon revolucionário. **Blog da Boitempo**. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2019/07/20/por-um-fanon-revolucionario/>. Acesso em: 24 mar. 2023.

CASTRO, Edna. Epistemologias e caminhos da crítica sociológica latino-americana. In: CASTRO, Edna; PINTO, Renan Freitas (Org.). **Decolonialidade e Sociologia na América Latina**. Belém: NAEA, 2018, p. 25-51.

COSTA, Pedro Henrique Antunes da; MENDES, Kíssila Teixeira. A miséria da psicologia brasileira: subordinação ao capital e colonização-dependência. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais, [S. l.]**, v. 16, n. 2, p. 1-17, 2021.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 39-49.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Lisboa: Editora Ulisseia, 1961.

FANON, Frantz. **Peles Negras, Máscaras Brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FARIA, Lucas Luis de. Psicologia em movimento com os/as Kaiowá e Guarani: diálogos fronteiriços e desobedientes. 2021. 204 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2021.

REVISTA ESPERANÇA GARCIA, v1, nº 1, Picos-PI, Maio de 2024.

revista.esperanca.garcia@pcs.uespi.br.
ISBN: 978-65-00-82363-9.



A decolonialidade em foco [...]**Lustosa; Cavalcante, 2024**

FAUSTINO, Deivison Mendes. O corpo, o homem e suas posições. *In: _____*. “Por que Fanon, por que agora?": Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2015.

FAVATO, Maria Nilse; RUIZ, Maria José Ferreira. REUNI: política para a democratização da educação superior? (REUNI: policy for the democratization of higher education?). **Revista Eletrônica de Educação**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 448–463, 2018.

GABRIEL, Nilson Lucas Dias. A concepção de liberdade na biografia e na obra *Pele Negra, Máscaras Brancas* de Frantz Fanon. 2019. 178 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GOMES, Isadora Dias. Socioeducação: uma invenção (de)colonial. 2020. 167 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

HOBBSAWN, Eric J. **Era dos extremos: o breve século XX 1914 - 1991**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

HOBBSAWN, Eric J. **A era dos impérios, 1875 - 1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

LOPES, Danilo Cleiton. Atenção diferenciada à saúde indígena: biopolítica e territorialidades no polo base de Dourados, MS. 2018. 136 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2018.

MANOEL, Jones. O dia em que Frantz Fanon encontrou “um marxista puro” - ensaio contra o teoricismo. **Blog da Boitempo**. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2019/08/21/o-dia-em-que-frantz-fanon-encontrou-um-marxista-puro-ensaio-contr-o-teoricismo/>. Acesso em: 24 mar. 2023.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Transdisciplinaridade e decolonialidade. **Sociedade e estado**, v. 31, n. 1, p. 75-97, 2016.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Frantz Fanon and the decolonial turn in psychology: From modern/colonial methods to the decolonial attitude. **South African Journal of Psychology**, v. 47, n. 4, p. 432-441, 2017.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. **Revista Epistemologias do Sul**, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017.

REVISTA ESPERANÇA GARCIA, v1, nº 1, Picos-PI, Maio de 2024.

revista.esperanca.garcia@pcs.uespi.br.
ISBN: 978-65-00-82363-9.



A decolonialidade em foco [...]**Lustosa; Cavalcante, 2024**

MISSIATTO, Leandro. Diferença ontológica: a dicotomia humana como espaço de produção da diferença colonial. **Revista Epistemologias do Sul**, v. 4, n. 1, p. 22-45, 2020.

MÜLLER, Henrique da Rosa. O negro e a marginalização social: uma aproximação teórica entre a intelectualidade negra, a teoria decolonial e o marxismo. **Revista Fim do Mundo**, nº 4, jan.-abr. 2021, 2021.

PEIXOTO, Rodrigo; FIGUEIREDO, Kércia. Colonialidade do poder: conceito e situações e decolonialidade no contexto atual. In: CASTRO, Edna; PINTO, Renan Freitas (Org.). **Decolonialidade e Sociologia na América Latina**. Belém: NAEA, 2018, p. 127-158.

REIS, Maurício de Novais.; ANDRADE, Marcilea Freitas Ferraz de. O pensamento decolonial: análise, desafios e perspectivas. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 17, n. 202, p. 01-11, 2018.

ROBCIS, Camille. Frantz Fanon, institutional psychotherapy, and the decolonization of psychiatry. **Journal of the History of Ideas**, v. 81, n. 2, p. 303-325, 2020.

SILVA, Bárbara Maria Costa; SILVA, Sílvia Maria Cintra da. NOVO MAIS EDUCAÇÃO: UM OLHAR DA PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL PARA AS POLÍTICAS PÚBLICAS. **Interfaces Científicas - Educação**, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 737-751, 2020.

SILVA, Leonardo Santos da. Revitalização Urbana: uma questão de raça. 2019. 107 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.

SILVA, Viviane Pereira da. A palavra tem força: uma psicologia do axé e dos encantamentos. 2021. 159 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Niterói - RJ, 2021.

SPYER, Tereza; LEROY, Henrique Rodrigues; NAME, Leo. Zulma Palermo: a opção decolonial como um lugar outro de pensamento. **Revista Epistemologias do Sul**, v. 3, n. 2, p. 44-56, 2019.

STADLER, Thiago David; KRACHENSKI, Naiara. História, colonialismo, epistemologia: Aimé Césaire, Frantz Fanon e o pensamento decolonial. **Estudos Libertários**, v. 1, n. 1, 2019.

TEIXEIRA, Adrielle de Matos Borges. Tensões subjetivas e culturais na experiência identitária de ser um/a estudante universitário/a negro/a: a emergência de um Self Decolonial. 2020. 245 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Instituto de Psicologia, Salvador, 2020.

TITON, Andreia Piana; ZANELLA, Andrea Vieira. Revisão de literatura sobre psicologia escolar na educação profissional, científica e tecnológica. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 22, p. 359-368, 2018.

WALSH, Catherine. Interculturalidade e decolonialidade do poder: um pensamento e posicionamento “outro” a partir da diferença decolonial. **Revista Eletrônica da Faculdade de Direito de Pelotas**, v. 5, n. 1, 2019.

REVISTA ESPERANÇA GARCIA, v1, nº 1, Picos-PI, Maio de 2024.

revista.esperanca.garcia@pcs.uespi.br.
ISBN: 978-65-00-82363-9.



ZANCHET, Livia. A noção de experiência no contexto da Gestão Autônoma da Medicação no Brasil: uma travessia rumo ao pensamento decolonial. 2019. 132 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional. Rio Grande do Sul, 2019.